

Pela desvinculação de Portugal ao “Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa” de “1990”.

Exm^o Dr. José Ribeiro e Castro – Presidente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura da Assembleia da República

Exm^{as} e Exm^{os} Deputados da Comissão de Educação, Ciência e Cultura

1. Para dar cumprimento ao solicitado pelo vosso Of. n^o 263/8^a – CECC/2012 vou procurar a objectividade e a síntese.
2. Assim, antes de quaisquer sustentações acerca da minha opinião contrária ao “AO90”, registo dois aspectos importantes inerentes à minha discordância: esta não se prende, em coisa alguma, com uma “resistência à mudança” nem com qualquer conotação de cariz político.
3. A minha discordância surgiu, e cada vez aumentou de solidez, assente no valor da Língua Portuguesa como ponte a conservar entre os seus falantes.
4. A existência de uma Comunidade Lusíada ou da Lusofonia implica o respeito pelas bases do instrumento utilizado e aceite como oficial por todos os seus integrantes – indivíduos e nações: a Língua Portuguesa.
5. Todos sabemos e compreendemos as evoluções (neologismos e termos de determinadas regiões, por exemplo) de uma língua para ela própria “sobreviver”. Nessa via, sem entrar em questões puramente teóricas, também somos conhecedores da importância da “lei do menor esforço”.
6. Mas, por bom senso e pelo respeito já citado, uma língua não pode ser oficialmente reduzida a uma simples transcrição fonética.
7. Mais concretamente, devemos estar atentos e impedir a intromissão na “língua padrão” de termos, expressões e tipos de construção de frases oriundas de segmentos populacionais mal falantes dela, ainda que o número dos constituintes desses segmentos possam, numa visão economicista e mercantilista, propiciar um vislumbre e/ou um susto quanto a essa dimensão.
8. O que nos deve assustar é o conjunto dos atropelos e das agressões à “língua padrão”, cada vez mais frequentes, por parte de alguns profissionais da comunicação social (escrita, falada e televisiva), por parte de alguns militantes de todos os partidos

Pela desvinculação de Portugal ao “Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa” de “1990”.

- políticos e por parte de alunos do ensino secundário e até universitário.
9. O que devemos vislumbrar é uma atitude pró-activa, e abrangendo os mais variados sectores públicos, no sentido de provocar o aperfeiçoamento constante da utilização correcta da Língua Portuguesa a todos os níveis: nos discursos políticos, nos programas de rádio e de televisão, nos artigos de jornais e revistas, nos meios múltiplos de publicidade e no registo de nomes de empresas e de produtos.
10. A influência da Língua Inglesa afigura-se-me assustadora. Tal influência manifesta-se, quotidianamente, pela utilização de palavras e expressões Inglesas para catalogar e/ou definir actos ou factos perfeitamente identificáveis e definidos por vocábulos e expressões existentes na Língua Portuguesa.
- a. Também é notória essa influência na sintaxe de títulos da imprensa, de informações sinópticas em rodapé nos canais de televisão, na adopção - e registo aceite oficialmente - de nomes de eventos, de empresas, de produtos e de serviços e nos folhetos respectivos: a supressão dos artigos definidos e indefinidos, em muitos textos de jornais e de revistas e nas tais informações nos canais de televisão, começa a proliferar.
 - b. De igual modo a colocação dos adjectivos na escrita original em português parece, muitas vezes, uma tradução mal efectuada dessa frase hipoteticamente original em inglês.
11. Aparece o sentimento triste, para mim, de me deparar com uma comunicação de pensamento em Língua Inglesa, cada vez mais frequente e, mais grave, por não ser detectada nem corrigida por quem tem responsabilidade, sobretudo nos órgãos de comunicação.
12. Ora, perante tais factos, urge uma actuação firme e decidida. O terreno de incidência prioritária dessa actuação será o ensino. Logo seguido de outros campos a visionar como os órgãos de comunicação, a publicidade e o registo de empresas, produtos e serviços.
13. A actuação expressa no ponto 12 desta informação, deverá constituir uma estratégia comum a todos os países Lusófonos. Há urgência em defender a Língua Portuguesa na sua essência abrangente, na sua etimologia, na sua sintaxe, na utilização do

Pela desvinculação de Portugal ao “Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa” de “1990”.

- seu vocabulário bem rico, enfim no que tem, ao longo dos séculos, servido de estrutura da “língua Portuguesa padrão”.
- a. É claro que ninguém poderá assumir o papel de “dono de uma língua” no sentido de imposição por legislação.
 - b. Mas, é clara também a responsabilidade de todos os Países de Língua Oficial Portuguesa se empenharem em legislar convergentemente na defesa desse património comum – a Língua Portuguesa.
14. E sobre esta matéria, sem contrariar a alínea a) do ponto 13 desta informação, compete a Portugal assumir o papel da sua missão histórica.
15. Sem preconceitos de neo-colonialismos saibamos responder aos desafios do futuro com o peso da legitimidade da nossa história, e não nos deixemos embriagar com o “canto das sereias” nem amedrontar com qualquer “Mostrengo”. Peço a releitura do ponto 7 desta informação.
16. A hipotética aplicação do “acordo ortográfico 1990” – evidentemente para todos os utilizadores da Língua Portuguesa – não viria a constituir uma medida profiláctica nem terapêutica para os males (alguns diagnosticados nesta informação) por todos os que a consideram um símbolo da Pátria (no sentido mais abrangente do termo).
- a. A “Internet” (nos seus mais variados campos de utilização) não justifica o “AO90”. Se pensarmos um pouco na Francofonia e na Comunidade Britânica a hipotética maior facilidade de navegação em Língua Portuguesa na “Internet” deixará de ser a bóia de salvação do “AO90”.
17. Não espanta, pois, a panóplia de testemunhos, depoimentos, artigos, páginas e sítios da “internet” contra a admissibilidade desse “AO90” entrar em vigor.
18. Não se trata de contrariar um acordo só pelo “espírito do contra”. Releiam, por favor o ponto 2 desta informação.
19. O que está em causa e bule com o sentimento mais profundo de Lusófilo / Lusófono é a amálgama de machadas, inseridas nesse projecto de “AO90”, contra a essência da língua.
- a. Como poderemos designar como machadadas na Liberdade do Cidadão a introdução abusiva de sistemas informáticos para “corrigir” textos em departamentos públicos.

Pela desvinculação de Portugal ao “Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa” de “1990”.

- 20.E, respeitando o conteúdo de 13 a), por isso saltaram e continuam a saltar vozes demonstrativas dessa afronta. E não nasceram apenas em Portugal, basta ficarmos atentos a cada PALOP.
- 21.Como será possível alhearmo-nos de uma decisão da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa? E de outros pares universitários?
- 22.Em coerência com o ponto 1 desta informação, e até porque assinei a Petição subjacente à vossa solicitação, remeto a justificação técnico-científica para esse documento.
- 23.O que nós queremos é alertar / ajudar quem decide a tomar a decisão mais lúcida relativamente à importância prática da Língua Portuguesa na óptica dos valores culturais da Lusofonia, em oposição a uma decisão embriagada pelos vapores de índole economicista/mercantilista ou, quiçá do medo.
- 24.Tenho dedicado muito tempo da minha vida na divulgação dos valores inerentes à Cultura Portuguesa, quer na Direcção da Associação Fernando Pessoa, quer na Direcção da A-IDA (ASSOCIAÇÃO INFANTE DOM ANRIQUE), quer ainda na dinamização da CASA DA CULTURA DOS OLIVAIS (da JFSMO).
- 25.Defendo a Lusofonia, por via da nossa maneira de estar no mundo, numa perspectiva de Comunidade em que, tal como disse o escritor Pepetela, devemos “unir pela Cultura”.
- 26.A língua, não será necessário ir buscar factos da Grécia antiga, continua a possibilitar a garantia de uma identidade facilitadora de todos os circuitos indispensáveis para o desenvolvimento e bem estar dos povos, não obstante as suas características específicas (em que as línguas tribais/regionais devem ser mantidas; aqui em Portugal temos o Mirandês, por exemplo).
- 27.Quer ao nível de autarquias quer ao nível escolar (11º e 12º anos de alguns estabelecimentos do Ensino Secundário) tenho obtido declarações de docentes e de discentes adversas à aceitação do hipotético “AO90”.
- a. Curiosa é a situação de tais declarações resultarem não só de quem ensina a nossa língua como também de quem lecciona a língua Inglesa, pois as tais machadadas na etimologia provocam sequelas com repercussões na aprendizagem de outras línguas.
 - b. Curiosa é a manifestação espontânea de muitos jovens (daqueles graus de ensino) quanto ao facto de ser Portugal

Pela desvinculação de Portugal ao “Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa” de “1990”.

a “abdicar praticamente sozinho” da defesa de algo tão “valioso”. Coloquei entre aspas os termos que ouvi directamente de jovens.

28. Parece-me chegado o momento de findar esta informação. Sei que não estão à espera de encontrar aqui neste texto, e neste ponto, a palavra “prontos...”, de algum modo equivalente actual ao “pois é...” da minha geração (nasci em 1949).
29. Há muito a fazer para evitar tristezas como a dos “prontos” a meio da exteriorização de um pensamento e a do “portanto” no início de uma declaração.
30. Depois da tal actuação – ponto 12 desta informação – será chegado o tempo de talvez pensarmos num acordo ortográfico, mas sob o respeito total pela etimologia.
31. Apenas para reflexão deixo-vos alguns pensamentos de Teixeira de Pascoaes. Eles sustentam, de um modo bem vincado, a minha postura face ao assunto a que acabo de responder:

«A faculdade que tem um povo de criar uma forma verbal aos seus sentimentos e pensamentos, é que melhor revela o seu poder de carácter (...). Se a nossa alma, em seu trabalho de exteriorização verbal, se condensou em formas de som articulado, em palavras gráficas e sonicamente originais, também nas obras dos nossos escritores e artistas autênticos se nota uma instintiva compreensão da vida, em perfeito acordo com o génio da língua portuguesa»

Teixeira de Pascoaes, *Arte de Ser Português (1915)*, Lisboa, Delraux, 1978, p. 25

«A linguagem é obra da natureza e do homem. As coisas falam à nossa sensibilidade que converte a impressão recebida numa forma de som articulado; isto é, «nomeia» a coisa que a feriu. O nome de uma coisa (principalmente das coisas vivas e naturais) é, por assim dizer, ela mesma em espírito verbal. Ora, quando a sensibilidade de um povo responde, de um modo especial, às coisas que lhe «falam», ou quando elas impressionam de um modo especial a sensibilidade de um povo, é porque ele tem uma alma própria, o dom de conceber e sentir o mundo e a vida por virtude própria. E se as coisas nos falam, também nos falam os nossos sentimentos, para serem nomeados e adquirirem expressão vivente(...) De um modo geral e vago, assim se criaram as palavras, verdadeiros seres, que, de organismos rudimentares, interjeccionais, se foram aperfeiçoando, pelas leis que presidem ao desenvolvimento das outras criaturas»

Teixeira de Pascoaes, *Arte de Ser Português*, *Op. cit.*, p. 26/27.

«Sim: a Palavra é uma Criatura; tem, portanto, a sua anatomia e a sua psicologia, dignas do amor, do respeito e carinho que merece tudo o que

Pela desvinculação de Portugal ao “Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa” de “1990”.

vive. Nada de amputações inestéticas e decepções cruéis! Ferir a harmonia material e espiritual das palavras é torná-las aleijadas e ridículas. Alterar bruta e cegamente as linhas do seu perfil é uma violência contra a Natureza. É certo que elas, como tudo o que vive, estão sujeitas a transformações, mas nós devemos operá-las com o máximo cuidado, atendendo sempre às leis da Beleza e da Vida. Não se pode lidar com as palavras como se lida com as pedras. Infelizmente tem sido este o seu destino; e daí o miserável estado físico em que se encontra a maior parte delas. Eduquemo-las, integremo-las, portanto, na sua natural beleza plástica, para que a sua alma encontre o seu habitat próprio, e nele viva livremente, irradiando o seu mágico poder de atracção, de fascinação e de encantamento. A alma das palavras é divina; é Verbo; e o Verbo é Deus, como dizia Vítor Hugo»

Teixeira de Pascoaes, «*A Fisionomia das Palavras*» (1911), in *A Saudade e o Saudosismo*, Lisboa, 1988, p. 18.

32. Fico convicto de ter contribuído para a vossa análise, através do que escrevi sob uma forma humilde mas sincera e nutrida pelos valores emanados da consciência do papel da Língua Portuguesa no Mundo: Lembrança/Esperança, Passado/Futuro, Matéria/Espírito
33. Aceitem os meus respeitosos cumprimentos com o desejo implícito que a Comissão de Educação, Ciência e Cultura da Assembleia da República trabalhe no aprofundamento do que efectivamente está em jogo. O dinheiro é efémero... aceno de sereias... “Falta cumprir-se Portugal” e para isso lembremo-nos que “O Espírito move a matéria”.

Saudações Lusófonas

PAZ E BEM

Francisco Domingos de Pina Queiroz

Cartão de Cidadão 00311066 4ZY0